

UM BONDE CHAMADO DESEJO: A “COISA FREUDIANA” COMO TRAJETÓRIA DE LEITURA

Mariana Garcia de Castro Alves

RESUMO

Este artigo faz uma leitura de “Um bonde chamado desejo”, peça escrita por Tennessee Williams em 1947, a partir de apontamentos oriundos da psicanálise. O objetivo é compreender, por meio de uma reflexão sobre linguagem conjugada a uma visada de gênero que retoma a “coisa freudiana”, aspectos que movem a trama e a fazem ser reposta na contemporaneidade. Ao permitir polissemia, neste trabalho, a “coisa literária” constitui-se como inconsciente da psicanálise, vista aqui como campo profícuo para discussão sobre recorrências do que vem a ser o desejo, na esfera do erótico, em debates sobre gênero e linguagem no século XXI.

Palavras-chave: Linguagem, Freud, Gênero

Chamam atenção recentes produções de “Um Bonde Chamado Desejo”, peça escrita em 1947 por Tennessee Williams e que se tornou filme em 1951 sob a direção de Elia Kazan. Em tempo em que questões de gênero ganham espaço na discussão pública, o texto dos anos 1940 retorna com intensidade não desprezível no século XXI. Em nível nacional, no ano de 2016, é possível citar pelo menos duas produções. Indicado a quatro categorias na 28ª edição do Prêmio Shell de Teatro de São Paulo, o espetáculo “Um Bonde Chamado Desejo”, dirigido por Rafael Gomes e apresentado no Tucarena, venceu três categorias: direção, atuação e cenografia. Nessa mesma premiação, também se homenageou Antunes Filho, o diretor da peça “Blanche” – baseada no texto de Williams e narrada em uma língua imaginária, o “fonemol” – então em cartaz. O interesse pela trama, a nosso ver, dialoga com questões de gênero em sua abertura problemática na constituição dos sentidos.

Na busca de apontar alguns aspectos que possam indicar a permanência e atualidade da história e de suas personagens, propomos ler a narrativa ao retomar a “coisa” chamada Freud. Não a pessoa Freud: o homem, o burguês, o reflexo da sociedade da época. Mas a “coisa freudiana” em um sentido amplo, de não dogmatismo tampouco de cientificismo. Isto é, muito além de ser uma simples fonte de conhecimento, Freud naquilo que há de invenção em seu modo de escrita. No seu discurso, muito particular, que muitas vezes se faz assemelhado a uma ficção. Essa “coisa”, assim tomada, aproxima-se da “coisa literária” – não a literatura e o teatro burgueses, como produtos de tradição estética de classe, mas a literatura como necessária “ao entendimento do texto de nossa experiência” (LACAN, 1998, p. 436).

Assim, para apresentar essa conversa entre psicanálise e ficção, na primeira parte deste trabalho apresentaremos um resumo da trama e, na segunda, como tal coisa freudiana pode lê-la. A aproximação entre essas duas “coisas” aponta caminhos pelos quais passa a política do desejo nas discussões de gênero nos dias de hoje.

1 – O bonde

I don't want realism. I want magic! Yes, yes, magic. I try to give that to people. I do misrepresent things. I don't tell truths. I tell what ought to be truth (Blanche Dubois)

Blanche Dubois chega a Nova Orleans na casa da irmã Stella e de seu marido Stanley Kowalski por um bonde elétrico cujo nome é “Desejo”.

A beleza de Stanley – vivido no cinema por Marlon Brando – e a presença da cunhada sugerem atração entre ambos, à primeira vista. Mas, fica patente a irritação de Stanley com a hóspede e a constatação de Blanche de que ele não está à sua altura, de que não passa de um “animal”, por seus modos grosseiros. No espectador, é gerada uma expectativa de que algo deva acontecer entre os dois. Embora haja a sensação constante de que uma energia acumulada tenha de desaguar em algum lugar, em algum momento, qualquer resolução amorosa entre os cunhados é continuamente retida.

As razões que levam Blanche à casa da irmã – situada em ambiente suburbano, onde os limites entre vizinhos não são delimitados, tornando possível a circulação erótica – são relativas à perda de uma propriedade no sul. Tal bem é reivindicado por Stanley, que brada insistentemente a existência de uma lei que determina que tudo da esposa seria também propriedade do marido.

Deslocada do cenário urbano, Blanche veste-se com pompa e traz um baú de joias e quinquilharias extemporâneas. Rude com a cunhada, Stanley não se furta a mexer deliberadamente em seus papeis, inclusive em cartas de amor – algo que a deixa imediatamente abalada – à procura de documentos. A soberba de Stanley, que vive uma rotina de trabalho na fábrica e de jogo e álcool com amigos no fim do dia, tem como aval a prática de constante violência doméstica contra sua mulher, Stella. As agressões são intercaladas com sexo, pelo qual a esposa Stella mostra-se inteiramente capturada.

A trama avança. Em uma das noites de pôquer, Blanche conhece Mitch, um dos amigos de jogo de Stanley. Mitch a reconhece como uma dama e, assim, mostra-se cortês frente a seu modo requintado. O romance toma corpo e Blanche, na casa dos trinta anos, faz-se de moça recatada. A face fingidora de Helena de Troia – não a boa esposa raptada, mas aquela que trai os gregos fingindo ser as mulheres de Ajax e Ulisses – surge no discurso da personagem Blanche ao seduzir Mitch por sua suposta pureza e honradez. A ideia do feminino investido de falsidade e o masculino como a busca da verdade corporifica duas lógicas diferentes na composição dos gêneros nessa ficção. “Como diz o escritor e dramaturgo Jean Giraudoux (1882-1944), em “La guerre de Troie n’aura pas lieu”: “Tu conheces as mulheres tão bem quanto eu. Elas só consentem quando forçadas, mas, então, com que entusiasmo!”” (*apud* CASSIN).

Após aceitar suas investidas, Blanche, emocionada, conta sua história: teria se casado uma vez, mas descobrira que seu amor relacionava-se com um homem mais velho. O jovem marido teria, após ter sido reconhecido como homossexual, cometido suicídio. Ao lembrar do fato, o suplício dessa lembrança, cujo significante toma a forma de música infantil, repete-se em momentos críticos durante o enredo. O jovem marido morto, com tal trilha sonora, torna-se uma criança assassinada. Como que amaldiçoada, Blanche assume o papel de uma Medeia sem controle sobre seus atos, vítima das circunstâncias que a fazem assassina.

Quando Stanley conta a Stella e a Mitch que teria descoberto a verdade sobre Blanche, toda tensão retida deságua. Blanche, em realidade, fora demitida da escola em que trabalhava por ter se envolvido sexualmente com um aluno de 17 anos. Vivera em um hotel próprio à prostituição, recebendo homens. Stella, sem se preocupar com a veracidade ou não da história, é tomada por um acesso de raiva pela crueldade de seu marido que age para estragar o romance entre Blanche e Mitch. Já o pretendente Mitch, imbuído de moralismo, revolta-se e vai até Blanche para a humilhar, da maneira mais

previsível, ao compará-la com sua mãe: “No, I don't think I want to marry you anymore... No, you're not clean enough to bring into the house with my mother”.

A resolução da trama se aproxima. A sugestão de desejo retido deságua em violência sexual de Stanley contra Blanche, que, a partir de então, afunda-se mais e mais em crises mentais. Ao final, quando um médico chega para levá-la a um hospital psiquiátrico, Blanche resiste e começa a se debater em convulsão. Ao contrário da brutalidade com a qual é tratada, o doutor então a ajuda, sem prendê-la, tocando-a com cuidado. Tal atenção leva-a à fantasia que a faz aceitar ser tomada nos braços por ele, ao dizer: “whoever you are, I have always depended upon the kindness of strangers.”

A frase conclusiva sobre a confiança em “estranhos”, “nos outros”, conclui e resume a narrativa. A dimensão desse Outro, que funda o aparelho psíquico, aponta na obra o “signo que falta” (LACAN, 1998, p. 431).

2- O Desejo

Ao propor um retorno a Freud, Lacan aponta o efeito de verdade dos seus textos. Segundo Lacan, a virtude dos comentários não seria a contextualização de sua fala, mas a avaliação se as “a resposta que ela dá às perguntas que levanta é ou não ultrapassada pela resposta que encontramos para as questões do atual” (LACAN, 1998, p. 405). Por exemplo, o que a coisa freudiana – cuja verdade passa mais por uma “coisa falante” que pelo pensamento – diz do feminino hoje, ao considerar as “ressonâncias, atestadas ou não na memória, da literatura e das significações implicadas nas obras de arte” como não supérfluas à psicanálise (LACAN, 1998, p. 436)? Esse Outro apontado pelo filme responderia à existência de uma constituição feminina inadequada ao Um, este representado por Stanley?

Para a conjuntura dos anos 1950, ser solteira sem filhos depois dos trinta anos é índice da margem, do não aceito. Muitas análises se detêm nessa contextualização, porém, tal contexto não dá conta de todas as questões suscitadas pela narrativa, inclusive por sua permanência ainda hoje.

O “I want magic” de Blanche rompe com a “verdade” de Stanley, com sua vida baseada no trabalho intercalado a momentos de descontração. Trata-se de uma recusa à realidade, uma ode à ficção vivida cotidianamente como estratégia de sobrevivência. Blanche é professora de literatura inglesa. Seu refinamento e seus vestidos de festa não combinam com o suburbano de Nova Orleans. Sua luminária de papel japonês, que

serve para suavizar a luz direta e fazê-la parecer mais jovem, é significante dessa inadequação.

Se tal constituição atravessaria os tempos, parece plausível afirmar que o feminino – como modo de se colocar marginalmente na política do desejo – hoje ainda carrega o fardo dessas mulheres dos anos 1950. Afinal, basta falar em Blanche, digo que se trata de uma fêmea. Ou melhor, como lembra Goldemberg (2015), basta que eu a chame de mulher (“on a dit femme”) para difamá-la (“on la diffâme” ou “nós a difamamos”).

“Um Bonde” constitui-se como uma problematização da política do desejo. Seu enredo, a nosso ver tornado possível após Freud, ao mesmo tempo, e de modo inverso, torna Freud possível, assim como faz inteligíveis alguns autores que se debruçaram sobre o sexual, como Bataille e Foucault.

A presença de Blanche explica o corpo discursivo de uma crítica à sociedade do trabalho, como faz Bataille com seu erotismo. Excessiva, é a parte que não cabe nas medidas do capital e, por isso, deve ser banida do palco das violências cotidianas. Deve ser posta fora da cena, justamente por ser obs-cena. A incompatibilidade de Blanche é estrutural, pois não se trata apenas de falta de tempo para se inserir na sociedade. É impossível qualquer adaptação, pois não divide o mesmo tempo do mundo que a cerca. Demora-se no banho e penteia-se com prazer. Sempre atrasada, não se irrita com os avisos para que se apresse. É indiferente a esse relógio. Veste-se com gala. Não distingue contextualizações.

A soberania do erótico propugnada por Bataille pode ser bem entendida através de Blanche. Uma soberania que não é de dominação do Outro pela vontade, nem de rejeição ao heterogêneo, mas de “gozar o tempo presente” e empreender uma “transgressão à lei”. Além disso, uma soberania de fazer “uso improdutivo da riqueza do potlatch” (*apud* SAFATLE, 2014). Isto é, assim como em cerimônias praticadas por certas tribos, a soberania de desfazer-se de todos os bens. Ritual proibido por ser considerado uma perda irracional de recursos, o potlatch de Blanche é a propriedade hipotecada que, por sua vez, surge como o interesse primordial de seu cunhado Stanley.

A personagem de Marlon Brando, ao contrário, é o líder do Um. Única voz potente (“Hey, Stellaaa!”), Stanley exclui o heterogêneo. Sua soberania é assentada na dominação. De um lado, Blanche com sua fala performativa, sem caução em verdades, como se numa lógica própria do “dar sem ter”, pela qual Lacan definiu o amor (*apud* FELMAN, 1980, p. 218). De outro, Stanley com seu jogo de “fazer saber”, atuando em

sentido contrário ao “fazer desejar” de Blanche. Contra Stanley, contra o fascismo, só o erotismo – outra forma de circulação do desejo.

Bataille, ao tratar de tal soberania, propugna um tipo de emancipação. Entretanto, o que acontece com Blanche é sua sujeição ao poder disciplinar de Foucault, pela prisão em um hospital psiquiátrico. A repressão se dá na “vontade de saber” de Stanley, que utiliza a verdade como instrumento de dominação. Ele incita que se fale em sua sexualidade e que Blanche confesse sua devassidão. Foucault aborda a gestão do sexo como coisa de ordem pública ao destacar a produção da sexualidade pela palavra, por uma fala que visa classificação científica. Um tipo de repressão que, em vez de silêncio, fustiga a vontade de saber.

Assim, Foucault abre espaço para estudos de gênero contemporâneos que veem o sexo como produção social. Já “coisa freudiana” traz uma dimensão discursiva do sexo – e não apenas a dimensão da força pulsional. Vejamos.

Quando em “A dissolução do complexo de Édipo”, de 1924, Freud fala que a menina aceita a castração e tenta uma compensação por não ter pênis, diz que tal processo se dá por derivas simbólicas, vindas de uma certa linguagem, cuja natureza matemática estaria sujeita a acidentes:

Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. (FREUD, 1996, p. 198)

Esse processo estranhamente descrito por Freud que trata do desejo feminino de ter um bebê é abordado na narrativa. Em um primeiro momento, Blanche mostra inveja da irmã por esta estar grávida. Porém, mesmo que tenha um desejo inconsciente de ser mãe como Stella, Blanche parece escolher outro objeto para atingir sua meta. Seu complexo de castração, ou seja, a ameaça da perda de amor, segue um destino diferente do da irmã. Ruma para uma tentativa de satisfação com homens diversos. O acidental numa cadeia simbólica assume função.

Nesse sentido, as irmãs lidam com o sexo de modos díspares. Blanche não goza como Stella, esta que se submete aos maus tratos de Stanley e se compraz de alegria, após uma noite de sexo com o marido. Essa diferença de rumos entre ambas lança luz sobre passagem em que Freud exclui a educação como determinante exclusiva na relação das meninas com seu sexo:

Análises do período fálico remoto ensinaram-me hoje que nas meninas, logo após os primeiros sinais de inveja do pênis, manifesta-se uma intensa corrente de sentimento contra a masturbação, a qual não se pode ser atribuída exclusivamente à influência educacional (...) Esse impulso é claramente um precursor da onda de repressão que, na puberdade, extinguirá grande quantidade da sexualidade masculina da menina, a fim de dar espaço ao desenvolvimento da sua feminilidade. (FREUD, 1996, p. 284)

Ao pensar em “Um Bonde”, esse trecho não elege o feminino como necessariamente proibido de gozo, mas caracteriza uma distinção – de uma enigmática quantidade, sobre a qual falaremos a seguir – que vem a ser ou resulta em algo chamado de feminino. Aqui, este estaria com Blanche, por seu gozo Outro, vindo da performance, da fantasia, e o masculino com Stella, por seu gozo fálico, vindo da força de seu macho.

Mais do que uma imposição ao que seja feminino, destaca-se a diferença quantitativa, e não de natureza, feita por Freud no excerto acima. Sobre essa desigualdade matemática, interpretamos o feminino como o menos (o inferior) de um igual (o bicho humano), mas também posso entender que sejam igualados os sexos na sua natureza pulsional, independentemente da anatomia biológica de cada um. Essa segunda opção, plausível como leitura, permite que Freud seja interpretado de modo distinto daqueles que lhe imputam determinações fisiológicas. Ao ler a coisa freudiana desse segundo modo, não verificamos determinações estritamente sociais nem tampouco anatômicas. Politicamente, citando o vienense, a noção mesma de mulher poderia ser ampliada, por exemplo, estendendo-a um homem “quantitativamente feminino”.

Em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, de 1925, Freud acrescenta a alternativa de que a menina pode, em vez de aceitar, recusar a castração. Assim, é possível “enrijecer-se na convicção de que realmente possui um pênis e subsequentemente ser compelida a comportar-se como se fosse homem” (FREUD, 1996, p. 282). Lemos o seguinte trecho pensando no que Stella virilmente faria se não tivesse Stanley em sua cama: “a masturbação, pelo menos no clitóris, é uma atividade masculina” (FREUD, 1996, p. 283).

Em suma, Freud tem seus momentos cujas reflexões sobre características de dois sexos independem de quais sejam seus órgãos sexuais. À primeira vista, a passividade e a submissão de Stella a colocam na esfera feminina. Entretanto, como dissemos, seu gozo assemelha-se ao masculino. Nesse mesmo sentido, poderíamos

também dizer que Stanley, ao contrário do protótipo do macho violento, evidente à primeira vista, não passa de uma histérica que odeia as mulheres, inclusive a que existe nele mesmo. Podemos fazê-lo ao tomar a caracterização de Lacan segundo a qual o heterossexual se define como aquele que ama as mulheres, qualquer seja seu sexo, e homossexual, o que as odeia (*apud* GOLDEMBERG). Ainda atualmente, “tudo isso parece absurdo, é verdade, mas talvez apenas por ser tão inusitado para nós” (FREUD, 2011, p. 216).

Dessa forma, ao refutar determinações tanto educacionais quanto fisiológicas, entrevemos a possibilidade de abalar a ideia talvez disseminada principalmente no começo desse século XXI de que Freud tenha somente cometido injustiças contra as mulheres. Por exemplo, ao colocar em questão o que seja o feminino e o masculino em termos de quantidade, a coisa freudiana ultrapassa qualquer essencialismo ainda em voga em alguns movimentos:

Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor, mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam entre si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto (FREUD, 1996, p. 286).

A confusão dessas fronteiras, presente em Freud, é metaforizada por Antunes Filho quando escala para interpretar Blanche um ator do sexo masculino. Para Lacan, homem e mulher são significantes cuja realidade é sociolinguística. Stanley e Blanche, desse modo, não são apenas definidos pela diferença do órgão ou de educação, mas por uma diferença de linguagem.

Ao pressupor que não haja relação com o Outro sem um intermediário que faça sentido, Felman (2003) afirma que, conforme Lacan, a língua é uma obscenidade não tanto por conotar sempre o ato sexual, mas pelo ato sexual conotar sempre um ato de linguagem, ato por excelência de corpos falantes que sobrevivem como fala e que não podem saber de si mesmos (FELMAN, 2003, p. 157). O escândalo estaria menos no sexo que na fala, na medida em que esta é habitada pelo ato de falha pelo qual o corpo falta a si mesmo. Assim, a maior obscenidade na política do desejo talvez seja a

linguagem do corpo falante, isto é, algo por intermédio do qual se falhe, mas também pelo qual se faça o amor, por exemplo.

Tal noção é desenvolvida por Felman (1980) em “Le scandale du corps parlant”, uma leitura do Don Juan de Molière através da teoria performativa do linguista e filósofo inglês J. L. Austin, e, ao mesmo tempo e inversamente, da teoria de Austin pela “coisa literária” Dom Juan. É assim que, nesse caso, Felman (2003) toma a literatura não como ilustração da teoria, ou simples aplicação (onde funcionaria uma mútua exclusão entre o conhecimento científico e seu objeto), mas, de forma mais produtiva, como implicação (cujo mecanismo se distingue da informação unilateral de um a outro campo, consistindo em um diálogo capaz de deslocar um e outro, na interpretação). Segundo a autora, a psicanálise não apenas importa da literatura alguns conceitos, como o complexo de Édipo. Mais que isso, a “coisa literária” – um evento, um tipo muito particular de experiência que acontece no texto e que não tem nada a ver com o termo “literatura”, ideologicamente carregado como instituição burguesa (FELMAN, 2003, p. 271) – dá nome a todo o corpo conceitual da psicanálise (FELMAN, 2003, p. 276). Seduzida por Felman foi que indicamos aqui como “Um Bonde chamado Desejo” pode servir para a leitura da coisa freudiana e, em sentido inverso, como tal coisa ilumina a obra, ampliando as discussões sobre as perguntas de gênero postas atualmente.

3 - Ponto final

Freud escandaliza a sociedade com a psicanálise, no século XX, ao tratar desses dois temas obscenos: sexo e fala. Como forma de reconhecer a impossibilidade da linguagem de tudo dizer e o destino trágico do sempre falhar do corpo, sua escrita comporta saltos e tensões numa trama contraditória. Neste trabalho, levantamos alguns trechos de Freud ao buscar sua opacidade, sua polissemia, sua amplitude de interpretação. Nessa pequena imersão, buscamos sentidos não tomados como evidentes no/sobre o universo freudiano. O que a coisa freudiana diz do sexo não está submetido à temporalidade conhecida pelo materialismo histórico, por exemplo. Existem repetições, desvios e retornos aos mitos nos meandros do inconsciente. Na obscuridade dessas vias, assim como ocorre com as lembranças de Blanche sonorizadas por músicas infantis, o futuro atua em retroação, ressignificando um pretense passado, tempos depois. Ao se afastar tanto da medicina quanto da filosofia, a escrita de Freud tem efeitos de sentido nos quais a palavra parece mais real que qualquer teorização sobre uma verdade dada. O

mesmo se dá com Blanche, que não se preocupa com fidelidade aos fatos, preferindo dizer “o que deveria ser a verdade”, um efeito de verdade.

Blanche causa. Por isso é dividida, gagueja, comete lapsos, falha.¹ A verdade da coisa freudiana também.

Blanche e Freud são obscenos, talvez menos por tratarem estritamente do sexual que por falarem de outra coisa. Nunca é demais lembrar que o falar sobre o sexo não é garantia de resistência, conforme Foucault. Ambos, Blanche e Freud, falam do desejo. Algo que se assemelha a uma energia que nos carrega sobre um circuito cujos sulcos já estão traçados, mas que é sujeita a acidentes. Simbolicamente, numa imagem, algo que dá nome a um bonde elétrico, que se sacode para cima e para baixo nas vias da alma. Um bonde, mas um bonde falante.

Nesse tipo de busca, que visa verificar e compreender a carne onde se imprime a onipotência da função simbólica, pedir retidão parece não ser o caso: “Straight? What's 'straight'? A line can be straight, or a street. But the heart of a human being?” (Blanche Dubois).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, J. *Despatologizaciones: homosexualidad, transexualidad... otra más?* Trad. Marton Pérez e Maria Victoria Puerta. 23 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.jeanalouch.com/pdf/245>> Acesso em: 28.jul.2016.

AMBRA, P. “A noção de homem em Lacan”. In: AMBRA, JR. *Histeria e gênero*. São Paulo: nVersos, 2014.

BRASIL.Ubiratan. “Antunes Filho dirige a peça “Blanche”, falada em língua imaginária”. *Estadão*. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,antunes-filho-dirige-a-peca-blanche--falada-em-lingua-imaginaria,10000021457>> Acesso em: 27.jul.2016.

1 “Só há causa daquilo que falha (J. Lacan)” (*apud* PÊCHEUX, 2009, p. 277).

CASSIN, B. *Toda mulher é Helena*. Versão de conferência no congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. Tradução de Fernando Santoro.

FELMAN, S. *Writing and Madness*. Palo Alto, California: Stanford University Press, 2003.

FELMAN, S. *Le scandale du corps parlant: Don Juan avec Austin ou la séduction en deux langues*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

FREUD, S. (1905) “Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade” (1905) In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 07. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908) “Sobre as teorias sexuais das crianças” In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 09. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910) “Psicanálise Silvestre”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915) “Pulsão e destinos da pulsão”. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, volume 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1924) “A dissolução do complexo de Édipo”. In: *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1925) “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1931) “Sobre a sexualidade feminina”. In: *Sigmund Freud, Obras Completas*, volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOLDEMBERG, R. *Blasfêmeas*. Conferência Instituto Vox, 18/3/2015.

LACAN, J. “A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 402-437.

LACAN, J. “Seminar on “The Purloined Letter””. Trad: Mehlman, J. *Yale French Studies*, Issue 48, French Freud: Structural Studies in Psychoanalysis (1972), p. 39-72. Disponível em: <http://xroads.virginia.edu/~DRBR2/lacan2.pdf>. Acesso em 28.jul.2016.

NUNES, Leandro. “Tarcísio Meira e 'Um Bonde Chamado Desejo' recebem prêmios de teatro em São Paulo.” *Estadão*. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,tarcisio-meira-e-um-bonde-chamado-desejo-recebem-premios-de-teatro-em-sao-paulo,10000022794>> Acesso em 27.jul.2016.

PÊCHEUX, M. “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”. In: *Semântica e discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PORCHAT, P. “Ato performativo e desconstrução”. In: AMBRA, JR. *Histeria e gênero*. São Paulo: nVersos, 2014.

SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. RJ: Zahar, 2006.

SAFATLE, V. (2014) *Erotismo, sexualidade e gênero: Curso ministrado por Vladimir Safatle*. Disponível online em <http://goo.gl/tpqKUK>> Acesso em: 28.jul.2016.